

Voltam a crescer as invasões de barracos no DF

JAIRO VIANA

As invasões de áreas públicas por barracos, que haviam diminuído nos últimos anos e chegado a quase zero no final de 94, voltaram a se proliferar. No intervalo entre a eleição e a posse de Cristovam Buarque no Governo do Distrito Federal, o local que recebeu o maior número de invasores foi o do Lixão da Estrutural. Hoje, a área detém 1.400 barracos de madeira, onde moram cerca de 3.500 pessoas.

Em proporção menor cescem também as invasões do CEUB, da quadra 412 Norte e da QE 40, do Guará II. Na quadra 911/12 Norte,

entre o Templo Islâmico e o Colégio Santa Dorotéia, existem cerca de 15 barracos construídos no meio do cerrado, próximo à cerca do Parque Ecológico Norte.

Na quadra 412 Norte aumenta o número de barracos, próximo ao manancial de Olhos d'Água, onde acampam moradores antigos da cidade com migrantes recém-chegados a Brasília. No Guará, os invasores são micro e pequenos empresários, que não receberam lotes para a implantação de suas empresas.

Para impedir o surgimento de novos barracos no Lixão da Estrutural, a Administração Regional do

Guará instalou dois postos de vigilância, onde equipes do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (SIV-Solo) se revezam para evitar a construção de novas moradias.

Embora a área seja destinada à implantação do Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA), cuja primeira etapa já está definida, os invasores querem ser assentados no local. Os moradores do Lixão da Estrutural são divididos em dois grupos: os que vivem da cata do lixo e estão no local há mais de 20 anos e os invasores recentes, que ocuparam a área há menos de seis meses. Os últimos são maioria.



Cerca de 15 barracos formam uma das novas invasões, na 912 Norte

Mary Leal

25 ABR 1995

Especuladores lado a lado com carentes

Na invasão do Lixão da Estrutural moram desde pessoas carentes, camelôs, desempregados, até "espertinhos" que pretendem especular com lotes. "Há barracos que estão fechados ou emprestados, porque os donos têm moradia em outros locais mas querem receber lotes aqui", explica a esposa do presidente da Associação de Moradores, Marlene Mendes.

No entanto, a grande maioria é formada por pessoas carente ou de baixa renda, como o camelô Narciso Araújo, 27 anos. Ele pagava R\$ 70,00 de aluguel por mês, na QND, em Taguatinga Norte. Ficou desempregado e decidiu mudar com a família para um barraco de madeira, na tentativa de ganhar um lote.

Na mesma situação está a doméstica Maria do Socorro Silva Santos, 34 anos, que pagava R\$ 90,00 por mês pelo aluguel de um barraco de fundos em Ceilândia. "Se continuasse a pagar aluguel, o dinheiro não dava para sustentar meus três filhos menores", explica Socorro.

Ela, como os demais moradores da invasão do Lixão da Estrutural moram em barracos de madeira, sem qualquer conforto. Apanham água numa cisterna próxima, não têm energia elétrica em suas casas e vivem em condições subumanas. "Queremos apenas o nosso direito de morar".

JORNAL DE BRASÍLIA